

MEDICALIZAÇÃO DA VIDA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA.

Hellen Mercês Silva Soares - hellen.soares@faama.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9758-1387>

Psicóloga no Colégio e Internato Adventista da Amazônia. Graduação em Psicologia pelo Centro Universitário Adventista de Ensino do Nordeste (UNIAENE); Especialista em Andragogia e Educação de Adultos pela mesma instituição.

Wiríandson Pinto Siqueira - wirispinto@gmail.com ORCID - <https://orcid.org/0009-0002-0430-4610>

Graduação em Psicologia pelo Centro Universitário Adventista do Nordeste.

Ana Flávia Soares Conceição - ana.soares@adventista.edu.br ORCID - <https://orcid.org/0000-0002-6654-0785>

Graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB - 2011). Doutoranda e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (POSPSI - UFBA) na linha de Psicologia do Desenvolvimento. Especialização em neuropsicologia - FTC (2012). Atualmente é professora dos cursos de graduação e assessora técnica do curso de pós-graduação lato sensu em neuropsicologia da Faculdade Adventista da Bahia (FADBA).

Resumo: Atualmente o biopoder influencia vários contextos, como o da saúde e educação. Isso contribui para a perpetuação da patologização e medicalização dos sujeitos, o que descarta a compreensão da subjetividade. Para compreender como isso afeta a prática do psicólogo e influência na perpetuação da cultura medicalizante infantil, utilizamos uma revisão sistemática da literatura com o objetivo de desenvolver uma reflexão crítica sobre sua atuação. Os resultados obtidos apresentaram uma necessidade de futuros estudos sobre a prática do psicólogo, mas concluímos que é do contexto escolar onde vem as principais demandas de psicodiagnósticos, e que mais contribui para essa visão medicalizadora.

Palavras Chave: Medicalização. Patologização. Infância. Transtornos de aprendizagem. Atuação do psicólogo.

Abstract: Currently, biopower influences several contexts, such as health and education. This contributes to the perpetuation of pathologization and medicalization of subjects, which rules out the understanding of subjectivity. In order to understand how this affects the psychologist's practice and influence in the perpetuation of the child's medicalizing culture, we used a systematic literature review in order to develop a critical reflection on their performance. The results obtained showed a need for future studies on the psychologist's practice, but we concluded that it is from the school context that the main demands for psychodiagnoses come from, and that it most contributes to this medicalizing view.

Keywords: Medicalization. Pathologization. Childhood. Learning. Learning disorders. Psychologist's performance.

INTRODUÇÃO

A psicologia no Brasil, foi exercida inicialmente por médicos, que compreendiam os problemas sociais valendo-se da relação entre clima, raça e personalidade, aumentando essa presença, com os médicos higienistas que passaram a lecionar nos locais de formação dos psicólogos, tendo a sua legalização a partir da promulgação da Lei 4.119, em 1962, que também concedeu aos psicólogos brasileiros a atuação profissional (FIRBIDA e VASCONCELOS, 2019).

A aproximação entre a medicina e a educação exerceu uma forte influência na constituição da Psicologia, conseqüentemente, sua atuação se dá em um meio medicalizante, que se iniciou com o processo de higienização social e depois mental, principalmente das crianças (FIRBIDA e VASCONCELOS, 2019).

Conforme as bases históricas da Psicologia brasileira, a atuação do psicólogo tende a justificar os comportamentos dos indivíduos que não se ajustam à sociedade, deslocando o foco do problema para uma intervenção biologizante. Diante disso, sem o entendimento rigoroso e bem fundamentado daquilo que se passa na subjetividade e nas relações intersubjetivas numa sociedade concreta e sem a consciência da imensa responsabilidade de suas práticas, esses profissionais podem lesar direitos fundamentais dos indivíduos e, no limite, colaborar para a negação de seu direito à vida (MELLO e PATTO, 2008).

Em suma, conforme a análise da constituição histórica, cultural e social que transforma dificuldades de aprendizagem e de comportamento em problemas individuais, de cunho biológico e/ou orgânico, objetivamos compreender como a atuação do psicólogo pode influenciar na perpetuação dessa prática medicalizante.

METODOLOGIA

Foi realizada uma revisão sistemática, visto que é um método que permite maximizar o potencial de busca, encontrando o maior número possível de resultados de uma maneira organizada. Constituinte em um trabalho reflexivo, crítico e compreensivo a respeito do material analisado.

O primeiro passo realizado foi a delimitação da questão a ser pesquisada, sabe-se que as ciências psicológicas em seu fazer científico, político e filosófico, estão diante de supostas patologias relacionadas ao processo de aprendizagem, e estas se relacionam com o deslocamento do foco do problema escolar em direção a supostos transtornos de aprendizagem. Sendo assim, surge a pergunta: estamos vivenciando uma falha na prática de nossos psicólogos?

Em seguida, foram escolhidas as seguintes bases de dados, com base nos descritores em ciências da saúde, para compor a revisão sistemática: EBESCO; SciELO; PePSIC; Periódicos Capes e BVS. Posteriormente, foram eleitas as palavras-chaves para que fossem sintetizadas as variáveis principais investigadas objetivando uma busca rápida e bem-sucedida, foram elas: Medicalização; Patologização; Infância; Aprendizagem; Transtornos de aprendizagem; Atuação do Psicólogo.

Feito isto, a realização da busca dos dados foi feita por dois juízes no mesmo intervalo de tempo, a fim de minimizar o viés no processo de busca, utilizando-se a string ‘AND’. Em vista disso, os artigos foram selecionados conforme os títulos, resumos e periódicos publicados no intervalo de 2012 a 2022, a qual totalizou 60 artigos selecionados.

Em seguida, os artigos selecionados foram filtrados, excluindo aqueles que não possuíam descritores em comum, resultando em 42 artigos (Tabela 1). Uma vez realizada a busca e a seleção dos artigos, o próximo passo foi a realização da extração dos dados desses artigos selecionados que foram feitos por dois juízes, objetivando reduzir os possíveis vieses. Posteriormente, realizou-se uma catalogação dos dados mais gerais dos artigos. Utilizou-se o delineamento qualitativo, junto com uma estratégia de metassíntese. Por fim, os resultados foram categorizados com o objetivo de comparar os estudos, explorando as similaridades e diferenças.

Tabela 1 – Artigos selecionados e descritos por título, ano, autores, objetivos e tipo de estudo.

| Título | Ano | Autor | Objetivo | Tipo de estudo |
|---|------|-----------------------------|---|-----------------------|
| A constituição da subjetividade na criança com diagnóstico de TDAH | 2020 | Signor e Oliveira | Analisar implicações subjetivas decorrentes do processo de patologização da educação. | Pesquisa de campo |
| A construção do conhecimento na psicologia: a legitimação da medicalização | 2019 | Firbida e Vasconcelos | Desvelar o papel que as relações entre essas duas áreas do conhecimento que desempenharam historicamente para a construção do processo medicalizante no contexto educacional brasileiro. | Revisão Bibliográfica |
| A droga da obediência: medicalização, infância e biopoder - Notas sobre clínica e política | 2013 | Decotelli, Bohrer e Bicalho | Este artigo propõe uma reflexão acerca do não aprender, analisando de que forma isso é tomado como um problema, sendo a infância, ela mesma, forjada e apreendida sob o escopo da Medicina. | Revisão bibliográfica |
| A fabricação da loucura na infância: psiquiatrização do discurso e medicalização da criança | 2013 | Kamers | Refletir sobre a psiquiatrização do discurso e a medicalização na infância. | Revisão bibliográfica |
| | | | | |

| | | | | |
|---|------|-----------------------------|--|-----------------------|
| A medicalização da educação: implicações para a constituição do sujeito/aprendiz | 2017 | Signor, Berberian e Santana | Pretende refletir sobre a construção social do TDAH (da entrada na escola ao diagnóstico médico) e suas implicações para a subjetividade, socialização e aprendizagem do aluno considerado resistente ao que a escola propõe. | Pesquisa de campo |
| A medicalização nas relações saber-poder: um olhar acerca da infância medicalizada | 2015 | Ferreira | Tem como foco o estudo da medicalização na sociedade construída por meio de estratégias normatizadoras. Visa compreender os processos de medicalização na sociedade, pautados principalmente nas relações de poder-saber, e os discursos que delas advêm. | Revisão bibliográfica |
| A menina dança: práticas patologizantes em tempo integral | 2017 | Abreu e Figueiredo | Traz a por meio de uma narrativa, análises das práticas de medicalização/patologização das crianças no contexto escolar. | Pesquisa de campo |
| A produção de conhecimento e a implicação para a prática do encaminhamento, diagnóstico e medicalização de crianças: contribuições da psicologia histórico-cultural | 2016 | Colaço | Compreender o fenômeno da Medicalização, problematizando as contradições existentes entre a prática diagnóstica/prescrições para transtornos de aprendizagem e a produção de conhecimento nas áreas da Medicina, Educação e Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), a partir do referencial teórico da Psicologia Histórico-Cultural. | Pesquisa de campo |
| Ações de psicólogos escolares de João Pessoa sobre queixas escolares | 2013 | Cavalcante e Aquino | Teve como objetivo conhecer concepções e práticas de psicólogos escolares de João Pessoa relacionadas às queixas escolares. | Pesquisa de campo |
| Atuação do psicólogo escolar educacional em proposições legislativas contra medicalização da educação: suas representações sociais | 2019 | Costa, Araújo e Negreiros | Buscou apreender as representações sociais de graduando do curso de Psicologia em relação à atuação do psicólogo escolar educacional em proposições legislativas contra o fenômeno da medicalização da educação. | Pesquisa de campo |
| Diagnóstico na infância: quais as implicações possíveis? | 2016 | Silva e Sant'Anna | Abordar as especificidades do processo diagnóstico nas psicopatologias na infância a partir de uma revisão de literatura. | Revisão bibliográfica |
| Diálogos sobre medicalização da infância e educação: uma revisão de literatura | 2019 | Beltrame, Gesser e Souza | Revisar a produção científica brasileira sobre medicalização no âmbito da educação. | Revisão bibliográfica |

| | | | | |
|---|------|----------------------------|---|-----------------------|
| Dificuldade de aprendizagem na infância e o encaminhamento para psicoterapia: um estudo de caso | 2016 | Reis e Pezzi | Buscou entender as dificuldades de aprendizagem na infância e o encaminhamento para a psicoterapia, na percepção de uma criança, sua família e sua professora. | Pesquisa de campo |
| Educação medicalizada: estudo sobre o diagnóstico de TDAH em um dispositivo de saúde | 2016 | Vizotto e Ferrazza | Pesquisar, a partir da análise de prontuários de crianças e adolescentes de um serviço de saúde mental, as principais características daquela população com queixas relacionadas às dificuldades de aprendizagem e problemas de comportamento escolar, com especial atenção aos aspectos relacionados à classificação diagnóstica: ao encaminhamento escolar, ao gênero e à faixa etária. | Pesquisa de campo |
| Educação, patologização e medicalização: é possível quebrar essa corrente? | 2019 | Santana e Gonçalves | O objetivo é refletir sobre os princípios epistemológicos de esse saber biologizante/classificatório e as consequências de seu exercício para as compreensões em torno das práticas educativas com foco na patologização de crianças. | Revisão bibliográfica |
| Equipes de saúde mental e o medicar da infância e adolescência | 2021 | Silva, Mueller e Moraes | Compreender e analisar as experiências e os saberes das equipes dos serviços públicos de saúde mental que atendem crianças e adolescentes acerca do tratamento medicamentoso. | Pesquisa de campo |
| Fracasso escolar e dificuldades na alfabetização: relato de experiência de atendimento psicológico e novas intervenções | 2016 | Prioste | Discutir o papel do psicólogo no atendimento às crianças com dificuldades na aprendizagem, em especial na alfabetização, contribuindo com a discussão sobre o fracasso escolar nas instituições públicas brasileiras por meio do relato de experiências no âmbito de uma UBS. | Relato de experiência |
| Infância e aprendizagem: um estudo sobre a patologização no âmbito escolar | 2021 | Pereira | Analisar, a partir de produções científicas, os possíveis efeitos que a patologização escolar podem trazer à vida e à aprendizagem da criança. | Revisão bibliográfica |
| Infância e medicalização da vida: uma análise sobre a produção diagnóstica e seus nexos com os processos de escolarização | 2020 | Oliveira, Silva e Baptista | Propõe a analisar a medicalização da vida infantil e a produção diagnóstica que se vincula aos processos de escolarização. | Revisão bibliográfica |
| Infância e patologização: contornos sobre a questão da não aprendizagem | 2020 | Barbosa e Leite | Refletir acerca de alguns aspectos relacionados aos processos patologização/medicalização da infância, alinhados a uma perspectiva psicopedagógica, cultural, social e médica criando algumas conexões desta | Revisão bibliográfica |
| | | | | |

| | | | | |
|--|------|---------------------------------|--|-----------------------|
| | | | temática com os conceitos de biopolítica, rostidade e das práticas de poder que operam na perspectiva de um efetivo controle sobre a vida e a existência humana. | |
| Infância tarja preta: sentidos da medicalização atribuídos por crianças diagnosticadas com TDAH | 2021 | Balbinotti, Costa e Aosani | Identificar os sentidos atribuídos por cinco crianças diagnosticadas com TDAH ao uso de medicamentos psicotrópicos. | Pesquisa de campo |
| Interlocuções entre os discursos médico e psicanalítico: por uma leitura sobre a desmedicalização em psiquiatria | 2020 | Azevedo | Propõe uma reflexão acerca dos discursos médico e psicanalítico no que se refere ao processo de medicalização. | Revisão Bibliográfica |
| Medicalização da queixa escolar e o uso de psicofármacos como resposta a questões comportamentais | 2018 | Silva, Rodrigues e Mello | Investigar o uso de psicofármacos em crianças com queixas escolares. | Pesquisa de campo |
| Medicalização das infâncias: entre os cuidados e os medicamentos | 2018 | Azevedo | Propõe uma articulação, à luz da teoria psicanalítica, entre a noção de cuidado e a medicalização da infância. | Revisão bibliográfica |
| Medicalização dos modos de ser e de aprender | 2015 | Christofari, Freitas e Baptista | Analisa os modos de ser e aprender na escola, considerando a medicalização como dispositivo que transforma comportamentos da vida humana em patologias. | Revisão bibliográfica |
| Medicalização e patologização: desafios à psicologia escolar e educacional | 2020 | Scarin e Souza | Consiste na análise da produção do discurso médico-científico que consolida bases de interpretação do referente às dificuldades de aprendizagem enquanto problemas médicos ou psicológicos, tanto quanto na organização das informações em uma Linha do Tempo, acerca de como os The Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (DSM) vêm tratando as dificuldades de aprendizagem desde a sua primeira edição. | Revisão bibliográfica |
| Medicalização no sistema de progressão continuada: inclusão ou omissão? | 2020 | Santos e Tuleski | Teve como objetivo abordar o processo de medicalização da infância, realizando um mapeamento dos alunos do primeiro ciclo do ensino fundamental da rede municipal de uma cidade paranaense, que foram diagnosticados e medicados devido aos | Pesquisa de campo |

| | | | | |
|--|--|--|---|--|
| | | | ditos transtornos de aprendizagem, entre eles o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). Teve como intuito, também, discutir como o sistema de progressão continuada influencia o processo de escolarização destes alunos. | |
|--|--|--|---|--|

| | | | | |
|---|------|--------------------------|---|-----------------------|
| Mercado-ciência e infância: a psicanálise no debate sobre medicalização e ato educativo | 2020 | Garbarino | Visa mapear suas contribuições e refletir acerca de que modo o discurso da medicalização é apropriado pelos educadores produzindo mudanças nos ideais de infância. | Revisão bibliográfica |
| O caso transtorno do déficit de atenção e hiperatividade e a medicalização da educação | 2016 | Cruz, Okamoto e Ferrazza | Pretende trazer o relato de pais e professores de uma escola pública do interior de São Paulo sobre alunos, com idade entre sete e 11 anos, diagnosticados com Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e relacioná-lo com as discussões acerca do processo de medicalização na atualidade. | Pesquisa de campo |
| O movimento higienista como política pública: aspectos históricos e atuais da medicalização escolar no Brasil | 2017 | Colombani e Martins | Destina-se a discutir o processo de patologização e medicalização da infância e suas implicações no campo das políticas públicas à luz da teoria genealógica de Michel Foucault. | Revisão bibliográfica |
| O sintoma da criança na história da psicanálise e na contemporaneidade: contribuições para uma prática despatologizante | 2016 | Almeida, Freire e Souza | Problematiza as contribuições da psicanálise para a compreensão hodierna que implica amordaçamento e exílio do sujeito de seu próprio adoecimento. | Revisão bibliográfica |

3. RESULTADO E DISCUSSÃO

Com os conteúdos adquiridos por intermédio da análise do que foi coletado, foi realizada uma categorização dos resultados: palavras-chave; objetivos; desenho da pesquisa; marco teórico de referência. As categorias são apresentadas a seguir.

A revisão sistemática buscou analisar os artigos publicados sobre a temática nos últimos dez anos, sendo assim, os resultados mostram que o ano de 2021 obteve cinco publicações, a seguir, o ano de 2020 com 9 publicações, e os anos de 2019, 2018, 2017 tiveram apenas 4 publicações, 2016 surge com oito publicações, 2015 obteve duas publicações, 2014 com uma publicação, 2013 com três publicações e por fim, 2012 com duas publicações.

A análise acerca dos descritores usados para levantamento de dados, foram obtidos os seguintes resultados, em maior frequência, com 33% aparece o termo Medicalização, em seguida, com 31% aparece o termo Infância, Patologização e Aprendizagem apresentam 15%, enquanto os termos Atuações do Psicólogo e Transtorno de aprendizagem, aparecem com 4% e 2%, respectivamente. Diante disso, é possível identificar a necessidade de produções científicas sobre a atuação do psicólogo diante do cenário medicalizante e patologizante da aprendizagem infantil. É possível identificar também, a convergência entre a grande produção de artigos científicos sobre medicalização, infância, patologização e aprendizagem, e a alta taxa de diagnósticos e prescrições medicamentosas em crianças com possíveis transtornos de aprendizagem.

Do mesmo modo, por meio da pesquisa sistemática, foi possível visualizar os objetivos que os artigos e/ou teses buscavam desenvolver. Sendo assim, os objetivos foram divididos em 4 categorias, sendo elas: 1. Descrever/Caracterizar (quatro artigos); 2. Estabelecer relações/ Relacionar (cinco artigos); 3. Explicar/ Relação Causa (quatro artigos); 0. Outros - Quaisquer objetivos que não entrou nas demais categorias.

Os artigos que não se encaixaram nas categorias 1, 2 e 3, e que foram categorizadas como “0. Outros”, os objetivos apareciam como: analisar (8), refletir (8), compreender (3), problematizar (2), articular (1), investigar (1) e discutir (1). Sendo assim, os artigos que propuseram utilizar da análise como objetivo, tiveram como finalidade analisar as práticas de medicalização da vida e a patologização da educação, enfatizando o discurso médico e como este perpassa o cenário da educação. Enquanto os que tinham reflexão como objetivo, se propuseram a refletir sobre o discurso médico e psicanalítico no processo de medicalização, e reflexões sobre a construção do TDAH e o processo de psicopatologização. Ainda por cima, os que objetivaram compreender, buscavam entender o processo de medicalização nas crianças tidas como inconvenientes, na sociedade e nas relações de poder-saber. Acresce os que objetivaram problematizar as práticas de ensino e a contribuição da psicanálise para a compreensão hodierna. Outrossim, articularam a noção de cuidado e medicalização à luz da teoria psicanalítica, bem como investigar o atendimento à queixa escolar e a dificuldade de aprendizagem de psicólogos e por fim, discutir não só os processos de patologização e medicalização, mas também suas implicações.

Diante disso, também identificamos que independente do verbo empregado como objetivo a nortear a pesquisa, portanto buscavam responder sobre o processo de medicalização e patologização da aprendizagem, como também os discursos médicos e produção de críticas embasadas na perspectiva psicanalítica, foucaultinana e vigotskiana, e as implicações destes processos psicopatológicos nas crianças em processo de escolarização.

Com relação aos desenhos de pesquisa, foi percebido que em maior número encontra-se a revisão bibliográfica (23) e pesquisa de campo (14). Porquanto, em sua maioria realizaram uma generalização das amostras de casos, e poucos estudos de casos únicos.

Salienta-se ainda que as produções científicas utilizaram-se, em maior número, os aportes teóricos da Psicanálise: Freud; da filosofia do Foucault; da Psicologia com Vigotski; e autores brasileiros como Patto, Collares e Moysés.

Os artigos encontrados neste estudo têm discutido como a medicina tem se transformado em um dispositivo de controle, a qual o discurso médico tornou-se uma verdade indiscutível e que a escuta do psiquismo, o lugar da subjetividade está sendo assolado por uma “lógica de mercado, onde tempo é dinheiro” (AZEVEDO, 2020. p. 146). Paralelamente a isto, o surgimento dos manuais psiquiátricos tem contribuído para a banalização dos diagnósticos, uma vez que só levam em consideração a dimensão biológica/comportamental do sujeito, desconsiderando os demais aspectos que são intrínsecos de uma sociedade complexa e diversa (DECOTELLI, BOHRER E BICALHO, 2013; SILVA, RODRIGUES e MELLO, 2018).

Além disso, é perceptível nos resultados dos artigos, como o modelo biomédico vem produzindo um processo em larga escala de “adoecimento ao medicalizar as experiências mais comuns e naturais da nossa existência”, argumentando também a presença de uma educação regulamentadora e normatizadora de comportamentos atrelado à saúde (CHRISTOFARI, FREITAS e BAPTISTA, 2015; SILVA, RODRIGUES e MELLO, 2018; FIRBIDA e VASCONCELOS, 2019).

Porquanto, o processo de medicalização vem sendo justificado pelos comportamentos dos indivíduos, nesse contexto, crianças que não se ajustam aos padrões da sociedade, ainda por cima, Christofari, Freitas e Baptista (2015) revelam que tais justificativas também são baseadas nas concepções de uma herança familiar dos males genéticos e de conduta, sendo assim, como escrevem Firbida e Vasconcelos (2019), culmina com a invenção das doenças do não aprender com a medicalização do comportamento e passam a intervir na saúde dos indivíduos de maneira farmacológica para lidar com os possíveis transtornos (AZEVEDO, 2020).

Nesse sentido, Kamers (2013) expõe que o deslocamento do campo dos problemas psíquicos para o dos transtornos, se fundamenta em uma hipótese de etiologia genética e bioquímica, a qual o sofrimento da criança passa a ser interpretado como um transtorno neurobiológico, onde se constitui uma perigosa transformação do campo da psicopatologia na infância: “o apagamento do sujeito em sua dimensão psíquica, histórica e social – em que a medicina se eleva a condição divina” (KAMERS, 2013). Desse modo, como argumentado por Decotelli, Bohrer e Bicalho (2013), existe uma produção de uma subjetividade social e inconsciente, atuando como culpabilização e internalização dos papéis, resultando no silenciamento.

Deste modo, os artigos vão se recorrer às ideias defendidas por Foucault, a qual, vai evidenciar todo o processo de funcionamento pautado no saber e poder médico, como um conjunto de procedimentos que inventam uma sociedade da norma, incluindo também a implementação do biopoder no espaço social.

Nos estudos analisados é possível perceber como o biopoder está presente em vários contextos institucionais. Isso acontece por causa da hegemonia médica e a sua influência para patologização e consequentemente a medicalização do sujeito (SILVA E GOMES, 2021; BARBOSA E PEREIRA, 2020; LEMOS, GALINDO E RODRIGUES, 2014; VIANA, RAMOS E SILVA, 2018; PEREIRA, 2021; ABREU E LOUZADA, 2017; SIGNOR, BERBERIAN E SANTANA, 2017; COSTA, ARAÚJO E NEGREIROS, 2019; COLOMBANI E MARTINS, 2017; SILVA, MUELLER E MORAES, 2021; VIZOTTO E FERRAZZA, 2016; ZANGRANDE, COSTA, AOSANI, 2021; SIGNOR E SANTANA, 2020; PRIOSTE, 2016; LEMOS ET. AL, 2020; SANTOS E TOASSA, 2021; SILVA E GHAZZI, 2016). Entre os estudos, autores como Foucault e Vigotski foram supracitados, demonstrando a relevância dos seus trabalhos para a interpretação do contexto atual.

Podemos destacar a atuação do profissional da psicologia no contexto escolar, que pode trazer mudanças diante das práticas patologizantes e medicalizantes ou favorecê-las, através diagnósticos que rotulam o sujeito e descarta sua subjetividade (PEREIRA, 2021; COSTA, ARAÚJO E NEGREIROS, 2019; PRIOSTE, 2016; MAIA, 2017). Além disso, o mesmo também pode estar atuando em dispositivos de saúde, que recebe uma grande demanda do contexto escolar (SILVA, MUELLER E MORAES, 2021; VIZOTTO E FERRAZZA, 2016; PRIOSTE, 2016; MOREIRA E COTRIN, 2016).

As principais demandas advindas do contexto escolar são as dificuldades de aprendizagem. Entre elas, a que mais se destaca, principalmente pelo grande índice de diagnósticos é o TDAH (SIGNOR, BERBERIAN E SANTANA, 2017; VIZOTTO E FERRAZZA, 2016; ZANGRANDE, COSTA, AOSANI, 2021; SIGNOR E SANTANA, 2020). Em um dos estudos, ficou ainda mais evidente a crueldade que é o processo de medicalização ou de diagnóstico do TDAH. Crianças são limitadas, perdem a sua singularidade para se enquadrar nos moldes criados pelos pais, professores, escola e sociedade. O que choca, além disso, é a passividade das crianças apresentada em seus discursos. O fato de alguém dizer o que eles devem tomar para “conseguir prestar atenção”, “controlar a agressividade”, “ser mais inteligente” é suficiente e não precisa ser contestada. Cada uma das crianças trouxe discursos em alguns pontos similares, mas não iguais. Apesar disso, elas foram forçadas (pois não foram questionadas se queriam utilizar) a participar do tratamento medicamentoso que não se aplica às situações apresentadas. Conforme o estudo, nenhuma delas se encaixava no TDAH de origem orgânica (ZANGRANDE, COSTA, AOSANI, 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, verificamos a grande produção de materiais científicos sobre o tema medicalização, contudo ainda há uma divergência entre o que está sendo produzido e a atuação dos profissionais, destacamos aqui a prática do psicólogo. Salienta-se que tais produções vêm sendo conduzidas por profissionais da educação, havendo assim uma discrepância com o cenário atual, onde há grandes números de encaminhamentos de queixas escolares para atendimento de profissionais da saúde mental.

Ao considerar que o objetivo principal foi compreender como a prática do psicólogo pode influenciar na perpetuação da cultura medicalizante infantil, foi percebido uma falha na formação de tais profissionais, visto que ao chegar em seu campo de atuação passam a relacionar as queixas escolares a concepções individualistas e patologizantes, sucumbindo o sujeito, colaborando para a negação de seu direito à vida. Os resultados apresentados acerca da atuação do psicólogo no contexto escolar revelam maior direcionamento para as práticas patologizantes, normatizadoras e medicalizantes, que colocam a prática do psicólogo escolar contingenciada à perspectiva clínica arraigada pelo modelo biomédico e biopoder. Os dados encontrados acerca da medicalização e as práticas terapêuticas indicaram que estas se manifestam pelo excesso de diagnósticos e patologização de comportamentos típicos. Tal prática pôde ser observada não apenas em profissionais da saúde, mas também em profissionais da educação e familiares. Ao considerar os impactos negativos que a prática do psicólogo com a visão medicalizante traz para o sujeito, concluímos que a compreensão da subjetividade da criança é limitada e silenciada, por não compreender o contexto que ela se encontra.

Sendo assim, vemos a necessidade e urgência no campo científico de mais produções acadêmicas sobre a relação entre a atuação do psicólogo e o processo de medicalização, visto que, as produções se restringem apenas ao campo escolar e ao discurso médico, sendo de extrema importância produções sobre a temática de forma a abranger o campo de atuação do psicólogo, e como este tem se havido neste cenário. Some-se a isto, as produções científicas encontradas e selecionadas revelam grande número de revisões bibliográficas. Contudo, é necessário encabeçar novos estudos de modo a analisar o problema da medicalização da aprendizagem infantil de modo mais profundo.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Lorena Dias de. LOUZADA, Ana Paula Figueiredo. A menina dança: práticas patologizantes em tempo integral. Revista do Nufen, Belém, v. 9, n. 01, p. 01-09, 2017. Disponível em: < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912017000100002#:~:text=Ela%20afirma%20que%20a%20menina,em%20ritmos%20diferentes%20tamb%C3%A9m%20comp%C3%B5em.>. Acesso em: 17/08/2022.
- AZEVEDO, Luciana Jaramillo. Interlocuções entre os discursos médico e psicanalítica: por uma leitura sobre a desmedicalização em psiquiatria. Psicologia Argumento, Paraná, v. 38, n.99, p. 137-152, 2020. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/psi-72309>>. Acesso em: 17/08/2022.
- BARBOSA, Mariana de Barros. LEITE, César Donizetti Pereira. Infância e patologização: contornos sobre a questão da não aprendizagem. Psicologia Escolar e Educacional, v. 24, 2020. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/pee/a/bR64Cw5rszyrGckvvHSxFvn/?lang=pt>>. Acesso em: 20/08/2022.
- CHRISTOFARI, Ana Carolina. FREITAS, Claudia Rodrigues. BAPTISTA, Claudio Roberto. Medicalização dos modos de ser e aprender. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 40, n.4, p.1079-1102, 2015. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/edreal/a/Hm54ZmPqwdPSvbpdjBsXbgS/?lang=pt#:~:text=A%20medicaliza%C3%A7%C3%A3o%20%C3%A9%20a%20produ%C3%A7%C3%A3o,desvio%2C%20dist%C3%BArbio%2C%20como%20patologia.>>. Acesso em: 19/08/2022.
- COLOMBANI, Fabiola. MARTINS, Raul Aragão. O movimento higienista como política pública: aspectos históricos e atuais da medicalização escolar no Brasil. Revista online de Política e Gestão Educacional, v. 21, n. 1, p. 278-295, 2017. Disponível em: < <https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/9788>>. Acesso em: 13/08/2022.
- COSTA, Tatiane dos Santos. ARAÚJO, Ludgleyson Fernandes de. NEGREIROS, Fauston. Atuação do psicólogo escolar educacional em proposições legislativas contra medicalização da educação: suas representações sociais. Educação & Linguagem, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 107-126, 2019. Disponível em: < <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/EL/article/view/9933>>. Acesso em: 19/08/2022.
- DA SILVA, Heloisa Cardoso; GHAZZI, Mercês Sant'Anna. Diagnóstico na Infância: Quais as Implicações Possíveis?. Interação em Psicologia, Curitiba, v. 20, n. 2, 2016. Disponível em: < <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/33989/29998>>. Acesso em: 10/08/2022.
- DECOTELLI, Kaly Magalhães. BOHRER, Luiz Carlos. BICALHO, Pedro Paulo. A droga da obediência: medicalização, infância e biopoder - notas sobre clínica e política. Psicologia: Ciência e profissão, Brasília, v. 33, n. 2, p. 446-459, 2013. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/pcp/a/ZJZ5K3CjdSbKhQrvpf9mnjw/?lang=pt>>. Acesso em: 13/08/2022
- FIRBIDA, Fabíola Batista. VASCONCELOS, Mário Sérgio. A construção do conhecimento na psicologia: a legitimação da medicalização. Psicologia escolar e educacional, São Paulo, v.23, 2019. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/pee/a/8YyRvGhQbXxXnD6bYHMqBFk/?lang=pt>>. Acesso 11/08/2022.
- KAMERS, Michele. A fabricação da loucura na infância: psiquiatrização do discurso e medicalização da criança. Estilos da Clínica, São Paulo, v. 18, n.1, p. 153-165, 2013. Disponível em: < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282013000100010>. Acesso em: 10/08/2022.

LEMOS, F. C. S. GALINDO, D., RODRIGUES, R. D. Processos de medicalização de crianças e adolescentes nos relatórios do Unicef. Pesquisas e Práticas Psicossociais. São João del-Rei, v. 9, n. 2, 2014. Disponível em: < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082014000200006>. Acesso em: 15/08/2022.

MAIA, Camila Moura Fé. Psicologia escolar e patologização da educação: concepções e possibilidades de atuação. Orientador: Pedroza, Regina Lúcia Sucupira. 2017. 93 p. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

MELLO, Sylvia Leser. PATTO, Maria Helena. Psicologia da violência ou violência da psicologia?. Psicologia USP, São Paulo, 19(4), p. 591-594, 2008. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/pusp/a/f7DFgQnZwwypDvCQTyChpSS/?lang=pt>>. Acesso em: 19/08/2022.

MOREIRA, Gercimeire Ramos. COTRIN, Jane Teresinha Domingues. Queixa escolar e atendimento psicológico na rede de saúde: contribuições para debate. Psicologia Escolar e Educacional, São Paulo, v. 20, n. 1, 2016. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/pee/a/RWTy4f68PvZ5h9bWkq3XBrS/?lang=pt>>. Acesso em: 12/08/2022

PEREIRA, Arla Gleice Aguiar. Infância e aprendizagem: um estudo sobre a patologização no âmbito escolar. Orientadora: Adriana P. Bomfim. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) - Centro Universitário Guanambi/BA – UNIFG, Guanambi, 2021.

PRIOSTE, Cláudia. Fracasso escolar e dificuldades na alfabetização: relato de experiência de atendimento psicológico e novas intervenções. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, São Paulo, v. 11, n. 4, p. 2430-2447, 2016. Disponível em: < <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/9201>>. Acesso em: 10/08/2022.

SANTOS, Geane da Silva. TOASSA, Gisele. Produzindo medicalização: uma revisão bibliográfica sobre encaminhamentos da educação escolar à saúde. Psicologia da educação, São Paulo, n. 52, p. 54-63, 2021. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1414-69752021000100006>. Acesso em: 12/08/2022.

SIGNOR, Rita de Cassia Fernandes. BERBERIAN, Ana Paula. SANTANA, Ana Paula. A medicalização da educação: implicações para a constituição do sujeito/aprendiz. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 43, n. 3, p. 743-763, 2017. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/ep/a/zJX54HZ6LJqPb4s3nfGF6tb/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 19/08/2022.

SIGNOR, Rita de Cassia Fernandes. SANTANA, Ana Paula de Oliveira. A constituição da subjetividade na criança com diagnóstico de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade. Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso, São Paulo, v. 15, p. 210-228, 2020. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/bak/a/WBVPcq7QpWtf5VXVNZwWmhL/?lang=pt>>. Acesso em: 11/08/2022.

SILVA, Cristiane Moreira. RODRIGUES, Rafael Coelho. MELLO, Letícia Nascimento. Medicalização da queixa escolar e o uso de psicofármacos como resposta a questões comportamentais. Estudos e pesquisas em psicologia, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, p. 738-754, 2018. Disponível em: < <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/40446/28214#:~:text=Restringir%20a%20queixa%20escolar%20C3%A0,de%20pensar%20Dagir%20dos%20professores.>>. Acesso em: 18/10/2022.

SILVA, Túlio César. Gomes, Claudia. Produções sobre neuropsicologia e suas contribuições para a (des) patologização da educação. Revista Psicopedagogia. São Paulo, v. 38, n. 117, p. 397-415, 2021. Disponível em: < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862021000300009#:~:text=INTRODU%C3%87%C3%83O%3A%20Esse%20artigo%20lan%C3%A7a%20como,epistemol%C3%B3gicas%20para%20a%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Inclusiva>. Acesso em: 15/08/2022.

SILVA, Jerto Cardoso. MUELLER, Vitor Henrique. MORAES, Mariana Hintz. Equipes de Saúde Mental e o Mediar da Infância e Adolescência. Arquivos Brasileiros de Psicologia, Rio de Janeiro, v. 73, n. 1, p. 34-51, 2021. Disponível em: < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672021000100004>. Acesso em: 18/08/2022.

SILVEIRA LEMOS, F. C., GALINDO, D. C. G., RODRIGUES, R. V., SAMPAIO, A. M., Práticas de medicalização: problematizações conceituais a partir de Michel Foucault. Revista Psicologia, Diversidade e Saúde, Salvador, v. 9, p. 232-244, 2020. Disponível em: < <https://www5.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/2945>>. Acesso em: 17/08/2022.

VIANA, Ana Jakellyne Pecori. RAMOS, Sirlei Mendes de. SILVA, Giseli Souza da. Processo lúdico, medicalização e infância: um estudo descritivo acerca do impacto da medicalização infantil no processo de aprendizagem escolar. Cad. de Pesq. Interdisc. em Psicologia: Registro, v. 2, p. 101-111, 2018. Disponível em < <https://portal.unisepe.com.br/univr/caderno-de-pesquisa-interdisciplinar-em-psicologia-vol-2-2018-2/>>. Acesso em: 20/08/2022.

VIZOTTO, Luana Paula. FERRAZZA, Daniele de Andrade. Educação medicalizada: Estudo sobre o diagnóstico de TDAH em um dispositivo de saúde. Estudos e Pesquisas em Psicologia, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 1013-1032, 2016. Disponível em: < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1808-42812016000300019&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 17/08/2022

ZANGRANDE, Helen Junara Balbinotti. COSTA, Aline Bogoni. AOSANI, Tânia Regina. Infância tarja preta: sentidos da medicalização atribuídos por crianças diagnosticadas com TDAH. Brazilian Journal of Development, Curitiba, v. 7, n. 3, p. 25317-25336, 2021. Disponível em: <<https://brazilianjournals.com/ojs/index.php/BRJD/article/view/26215>>. Acesso em: 10/08/2022.